



OS CONTEMPORANEOS

**HENRIQUE
LOPES DE MENDONÇA**

A SUA VIDA E A SUA OBRA

COLLECÇÃO
PATRICIA

DIRECIDA POR ALDÍ
NOBODIAZ DE SAM
PAIO DA ACADEMIA
DE SCIENCIAS DE LISBOA
DESENHOS DE SAAVE
DRA MACHADO CA
RA DE JORGE BARRADAS

PUBLICADA EM LISBOA PELA
EMPRESA DO DIARIO DE NOTICIAS

1926

Henrique Lopes de Mendonça

Nasceu em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1856. Foram seus pais António Raulino Lopes de Mendonça e D. Honorata Lopes de Mendonça, sendo sobrinho do notavel e infortunado academico Antonio Pedro Lopes de Mendonça



Aspirante de Marinha em 1871, reformou-se em capitão de mar e guerra em 25 de Maio de 1912. E' socio effectivo da academia das Sciencias de Lisboa desde 1900, tendo sido presidente em 1915. E' socio da Acad. Brasileira de Lettras desde 1923, do Instituto de Coimbra, e membro honorario do P. E. N. Club de Londres. E' professor de historia na Escola de Bellas Artes de Lisboa desde 1901, e foi bibliotecario da Escola Naval, vogal do Conselho de Arte Dramatica, membro das Comissões officiaes dos centenarios de Colombo, de Vasco da Gama etc. Possui a grã-cruz de Santiago desde 1922 e é comendador de Aviz, tendo tambem a medalha de ouro de comportamento exemplar. Estreiou-se no theatro com o drama em verso, n'um acto *A Noiva*, em 9 de Fevereiro de 1884, e algumas das suas peças como *A Morta*, *O Duque de Vizeu*, *Affonso de Albuquerque*, *Tiçãõ Negro*, *As Cores da Bandeira* tiveram dos maiores exitos no nosso theatro. Em 1888 obteve o Premio D. Luiz, concedido pela Academia R. das Sciencias, com o seu drama *A Morta*.

Livros a consultar sobre a sua figura e obra

Guilherme Rodrigues e Esteves Pereira — *Portugal*. Dicionario, vol. IV. pg. 506; Nuno Catharino Cardoso — *Sonetistas portuguezes e luso-brasileiros*. Lx.^a, 1918, pg. 134; Julio Brandão — *Bustos e Medalhas e Poetas e prosadores*. Porto; Luiz da Camara Reis — *Cartas de Portugal*. Lx.^a, 1907 (sobre a peça *Affonso d'Albuquerque*); Boavida Portugal — *Inque-*

H. L. de Mendonça—Portrait-charge de Celso.

rito literario. Lx.^a, 1915; da sua obra, *O Azebre*, pela *Cavaqueira no vestibulo*. Porto, 1909; Albino Forjaz de Sampaio — *Grilhetas*. Lx.^a, 1916; Sousa Bastos — *Carteira do artista*. Lx.^a, 1898, pgs. 68, 107, 473; *Almanach de O Dia* p.^a 1905; e as seguintes revistas e jornaes: *Revista de Estudos Livres*. vol. 3.^o Lx.^a, 1884-5 (art.^o de Teixeira Bastos sobre o *Duque de Vizeu*); *Revista Illustrada*; *A Chronica* (Outubro de 1904); etc.

Henrique Lopes de Mendonça

Auto-biografia

Carta ao director da Collecção Patricia

Meu illustre amigo:

A confissão geral, que me pediu, como era adequado, em plena semana santa, põe-me em sérios embaraços. Não tanto pelos torçegões que tenho de dar á minha modestia, como por se me afigurar impossivel encafuar um Rossio desordenado de meio seculo dentro da sua alinhada e elegante Betesga.

Sendo a memória a fonte única das minhas informações, abstenho-me de começar pelo meu nascimento, successo que, embora para mim importantissimo, nela não deixou o minimo vestígio. Demais, o que pode interessar numa biografia de escritor são as influências que determinaram a sua evolução mental. Ora a primeira que me aparece é a daquele que deu á minha família o seu título de fidalguia literária. Refiro-me a António Pedro Lopes de Mendonça, luminar brilhantissimo da constelação romântica, cujo sangue, através de ambos os meus progenitores, veio correr em minhas veias. Tinha eu nove anos quando se sumiu no túmulo a carne que abrigava êsse radiante espirito, cinco anos antes apagado já. A sua memória pairou sobre a minha infância, criando em mim precoces aspirações de glória literária. Que o diga um velho cúmplice em atentados jornalísticos, perpetrados manuscritamente no colégio, o historiador abalizado que é João Lucio de Azevedo, cujas costelas ainda a miúdo tenho o prazer de apertar em meus braços.

Das frequentes fugidas do matagal scientifico para as veigas arcádicas resultou que, tendo começado em menino prodigio, só a pé coxinho venci afinal o curso de marinha, por onde enveredara, talvez ainda a exemplo de meu tio. Depois, durante uns dez anos, entremeiei de leituras a êsmo as viagens a portos da Europa e as estações na África, que, umas e outras, alargavam o meu horizonte intelectual. Raras e insignificantes foram então as minhas incursões pelos dominios da letra redonda, em jornais da metrópole e de Angola. Só em

1884, já casado e pai de filhos, o patrocínio exuberante de Bulhão Pato e o prestígio de meu cunhado Rafael Bordalo conseguiram que eu me defrontasse a valer com o público no palco de D. Maria. O dramasiño *A Noiva*, calorosamente aplaudido, foi o epílogo de algumas teatradadas domésticas e a minha auspiciosa entrada no mundo das letras. Dois periódicos conceituados, o *Diario Popular* e o *Correio da Noite*, honraram-me com o pedido de colaboração literária. E vai então, saturado de novelas históricas, obsidiado pela figura colossal de Víctor Hugo, preparei-me para a grande batalha da minha vida.

Travou-se em março de 1886, com a representação do *Duque de Vizeu*. Neste ponto, a fidelidade do biografo tem de suplantar a modéstia do biografado. Sou forçado a confessar que aquele acontecimento foi celebrado pela crítica de Portugal e Brasil como se marcasse data na história do teatro. A mim, não me cumpre registar senão dois estimulantes das aclamações levantadas: a novidade, entre nós, do género dramático estreiado, e o incentivo que o successo deu a notáveis talentos do meu país. Entre as honras que a ele devi, não deixarei de citar o habito de Sant'Iago, conferido pessoalmente por D. Luís I, que teve nesta conjuntura a generosidade de esquecer a minha candidatura republicana, poucos anos antes, em Loanda. Coube-me também o primeiro prémio, instituido na Academia das Ciências, por aquele monarca.

Tive a ilusão passageira de que entre os meus louros cresceriam bagas de ouro. Mas depressa me convenci, á força de arranhões, de que a mais perduravel excrecencia seria a dos espinhos.

Desde aquela hora, com maior ou menor fortuna, mas sem dispensa das amarguras inerentes ao meio, foi no teatro que se tornou mais saliente o meu labor literário. Foi principalmente o passado de Portugal a fonte dos meus mais incontestados triunfos. Citarei, entre eles, a *Morta* (1890), na qual evoquei o idílio trágico da linda Inês; a farça lírica *Tição Negro*, com musica de Augusto Machado (1902), tecida com personagens e situações de Gil Vicente; *Afonso de Albuquerque* (1907), drama que, para não desmentir a sina infausta do seu grande protagonista, esperou quasi dez anos o ensejo de subir á scena... Ah! mas a sua consagração triumphal valeu-me a comenda de Sant'Iago, conferida pelo rei D. Carlos, o qual, digno filho do meu régio amigo, tapou os ouvidos para as notas da *Portuguesa*, que, sobre palavras minhas, lhe estavam abalando o trono. A não ser que com essa graça, um pouco pesada, se quisesse espiritualmente vingar de culpas... que, em boa verdade, não era justo me fossem imputadas.

Entre as minhas peças de ambiente moderno, occorre-me mencionar o *Nó Cego* (1905), por isso que, defendendo o divórcio, foi como o rebate precursor da respectiva lei, promulgada seis anos depois.

Entretanto, a minha predilecção pelos estudos históricos incitava-me a abaladas para fóra do teatro.

A minha actividade, em campo mais especulativo, manifestou-se em conferências, discursos comemorativos, artigos dispersos, e, principalmente, em memórias académicas, que supponho terem contribuído para a iniciação e desenvolvimento da arqueologia naval no nosso meio.

Mas o que intensamente me seduzia, desde que em criança me embrenhara na obra romântica de Herculano, era a novela histórica. Ensaiei-me, creio que sem desdouro, nos *Órfãos de Calecut*, e fui exercitando as minhas faculdades em vários contos, que figuraram em números especiais das grandes folhas periódicas.

Já a influência de Anatólio France suplantava, talvez, as que haviam guiado os meus primeiros passos, quando se me deparou ensejo de realizar uma aspiração, de ha muito aflagada: a romantização de pequenos episódios, arrancados ás velhas crónicas ou a códices inéditos, passando diante dos olhos do leitor como fitas de cinema. Proporcionou-mo o meu amigo Bento Carqueja, ao convidar-me a preencher quinzenalmente os folhetins do seu jornal. Esses folhetins com outros contos e narrativas, formaram a principal substância dos oito volumes, depois publicados sob o título geral de *Scenas de vida heróica*.

Creio que foi o seu interêsse patriótico que serviu de pretexto ao meu dilecto amigo Júlio Dantas para justificar a minha ascensão á grã-cruz de Sant'Iago, por ele proposta ha uns três ou quatro anos, na sua passagem pelo ministério da Instrução.

As distinções honoríficas a que aludi foram os galardões com que o Estado julgou conveniente compensar os meus perseverantes esforços em busca de uma parcela de beleza ou de verdade, que tudo é o mesmo.

Outras, porém, me desvaneceram, como foi a eleição de sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e o direito que desde 1915 ela me deu de me intitular seu antigo presidente; e a espontânea escolha da Academia Brasileira de Letras, mais penhorante ainda pelo grande nome de Guerra Junqueiro, que o meu era chamado a substituir.

De resto, conquanto não seja estoicamente insensível a elogios nem a vitupérios, não me acusa a consciência de ter já-mais procurado os primeiros nem de me ter escudado contra os últimos. Deste descuido pelo cultivo da glória resulta o meu espanto pelo pedido que o meu caro amigo improvisamente me dirigiu. Receio muito não o ter satisfeito na presente autobiografia. É claro que muito teria a acrescentar, se, imitando os grandes exemplos de Santo Agostinho ou do filósofo Rousseau, intentasse retratar-me em alma inteira perante o público. Essa tentativa reservo eu para um livro de memórias que vou preparando nas horas vagas, sem grandes

esperanças de o concluir. Não leve a mal se dêste ensejo me valho para o sorrateiro reclamo, na mira paternal de engordar o meu enfêzado espólio.

E já agora, para completar a minha resenha, ocorre-me ainda falar nos farrapos da minha alma e nos recortes do meu pensar, disseminados por jornais e revistas, sob a forma de poesias soltas, no decurso de meio seculo. Penso — não sei sé será tardia ambição — compilar e seleccionar essas poesias, juntando-as a outras que conservo inéditas. Assim, talvez venha a acabar por onde os meus colegas de ordinário principiam, um volumezinho de desabafos líricos.

Cumpr-me agora esperar resignadamente as penitências que lhe apraza infligir-me. Nunca elas serão tão pesadas que me façam esquecer a honra de figurar na sua selecta galeria.

Sinceramente lha agradece o seu velho amigo

Henrique Lopes de Mendonça

Abril de 1926.

A sua obra

O que é indispensavel conhecer do grande escritor

O Duque de Vizeu e *A Morta* como theatro historico, o *Nó cego* e *O Crime de Arronches* do seu theatro e a serie *Scenas de vida heroica*, genero *Lendas e Narrativas*, que é toda ella do melhor que em portuguez se tem escripto.

O que ele escreveu

1883 — *Delenda Albion!* Verso. Capa de R. Bord. Pinheiro. Foi publicado com o pseudonymo *Lusos*. 14-2 pg.

1886 — *A Noiva O Duque de Vizeu*. Theatro. Lx.^a-284 pg. (*A Noiva* foi representada no Th. D. Maria II e o *Duque de Vizeu* no mesmo theatro a 19 de Março de 1886). *O Duque de Vizeu* é um drama em 5 actos, em verso, e foram seus interpretes João Rosa no papel de *D. João II*, Brazão no

Duque, Augusto Rosa no de *Diogo Tinoco*, Amelia da da Silveira no de *D. Leonor*, Carolina Falco no da *Infanta D. Beatriz*, e Virginia no

de *Margarida*, etc. 2.^a ed. s/d (1911) Lisboa. 186-4 pg. Illust. de Roque Gameiro. Tiraram-se 10 em papel Japão com os gravuras em bistre e sang. e 50 em velino.

1890 — *Os piratas do Norte*. Versos. Lx.^a. 24-3 pg.

1891 — *A Morta*. 5 actos em verso, representada no Th. D. Maria II em 30 de Dezembro de 1890. Lisboa MDCCCXCI. 244-2 pg. Capa illust. por M. G. Boddallo Pinheiro. (Foram interpretes J. Rosa no *D. Pedro I*, Augusto Rosa no *Lourenço Gonçalves*, Brazão no *Affonso Madeira*, Posser no *Diogo Annes*, Joaquim Costa no *Estevam Lobato*, Ferreira

da Silva no *Daniel Boyno*, Amélia da Silveira *Catharina*, Virginia Isabel *Tosse*, etc.); *A Portueza*. Marcha patriótica, musica de Alfredo Keil, hoje hymno nacional com dezenas de edições.

1892 — *Estudos sobre navios portuezes nos seculos XV e XVI*. (Centenario de Colombo). Lx.^a 119-1 pg. Fez-se uma tiragem em papel de lutho.

1894 — *Os orfãos de Catecut*. Romance historico maritimo. Lx.^a 310-II pg.; *Caracter e influencia da obra do Infante*. Lx.^a 31-2 pg. (Conferencia no Club Militar Naval em 28 de Fevereiro de 1894). Tem outra ed. da Liv. Fern.

1895 — *Paratzo conquistado*. (Phantasia dramatica com um prefacio pelo auctor). E' o n.º 2 da Bibliotheca Dramatica da Revista Theatral. XVII-2-13-1 pg Lx.^a (Tiraram-se 50 em papel almaso, numerado, a 2 cores e rubricado pelo Auctor. Foi representado no Th. Rua dos Condes a 16 de Fevereiro de 1895 por Lucinda do Carmo e Luiz Pinto); *Um emprestimo*. (De pg. 193 a 234 do vol. *O Theatro no Campo que é coihab.* por Coelho de Carvalho, R. de Lima, Acc. Antunes, Marques da Costa, Alb. Braga e N. Komarow).

1896 — *Sol novo*. Theatro Lx.^a

1897 — *Manhã negra*. Soneto. (Folha sota. Lisboa 12-2-97).

1898 — *Affonso d'Albuquerque*. Lx.^a 251-1 pg. Drama em 5 actos em verso. (Foi representado no Th. D. Maria II em 1907 semio o seu principal interprete Eduardo Brazão); *O Padre Fernan-*

do Oliveira e a sua obra nautica. Memoria comprehendendo um estudo biographico sobre o afamado gramatico e nautographo e a primeira reproducção typographica do seu tratado inedito *Livro da fabrica das naos*. Lx.^a IV-221-3 pg.; *Apontamentos sobre o piloto Pero de Alemquer*. Uma importante rectificacão chronologica. (Separata dos Annais do Club Militar Naval); *Da Unidade de Pensamento no Ciclo das Descobertos* (Conferencia na Academia de Estudos Livres); *Bartholomeu Dias e a rota da India*. (Artigo não inserito no numero da *Revista Portueza Colonial e Maritima* comemorativa do Centenario da India). Lx.^a 24 pg. Tambem L. de M. escreveu o *Hymno do Centenario do Infante D. Henrique*. Porto.

1899 — *Serana*. Drama lyrico em 3 actos. Versos de H. L. M. Versao rythmica italiana de Cesare Fereal. Musica de Alfredo Keil. Lx.^a 65 pg.

1900 — *Theatro pitoresco; O Salto Mortal. Amor Louco*. Lx.^a 244 pg.; *O Salto Mortal*. Comedia em 1 acto, verso, rep. no Th. D. Maria II em 27 de Janeiro de 18 4. Rep. tambem em 1896 em D. Maria e em 1899 no D. Amélia. Interpretaram-na Ferreira da Silva, Chaby e Gil no papel de *Kaymundo*, E. Lopes e Carot. Falco no de *Dorothea*, Maria Falcão e Laura Cruz no de *Luiza*, Carlos Santos e H. Alves no de *João*. *O Amor Louco*, drama em 4 actos, subiu a

scena em 18 de Dezembro de 1899 no Th. D. Amélia. Foi rep. por Gil, Augusto e João Rosa, Brazão, Jesuina Saraiva, Georg. Pinto; Ana e Amélia Pereira, etc); *Terra de Santa Cruz*. Romance. (Na rev. *Brazil-Portugal*).

1901 — *A crise do theatro portuezes*. Conferencia proferida na Associação dos Jornalistas em 28 de Janeiro de 1901. (1.ª de uma serie). Lx.^a 53-3 pg.; *Tiçãõ negro*. (Coplas). (Rep. no Th. Avenida).

1904 — *Elogio historico de Manuel Pinheiro Chagas*. Lx.^a. (Lido na sessão presidida pelo rei D. Carlos na Ac. das Sciencias em 8 de Maio de 1904; *Historia de Portugal contada aos pequenos portuezes*. Lx.^a

1905 — *Duas palacras sobre a ecotução e a influencia da novela espanhola*. (Discurso proferido na sessão da Ac. R. das Sciencias, commemorativa do tricentenario da 1.ª ed. do D. Quixote, em 9 de Maio de 1905); *No cego*. Peça em 3 actos Lx.^a 98-2 pg. (Rep. no Th. D. Maria II em 27 de Janeiro de 1905. Interpretes Ferreira da Silva, Fern. Maia, Joaq. Costa, Augusta Cordeiro, etc.).

1908 — *Luz perpetua*. Lx.^a 23-1 pg. A' memoria de D. João da Camara Versos. Musica de Augusto Machado. Retrato por Columbano.

1909 — *O Azebre*. Peça em 3 actos. Porto 125-1 pg. (Rep. no Th. do Principe Real em 26 de Janeiro de 1909. Interpretada por Ferreira da Silva, Jorge Gentil, Theodoro Santos, Luciano de Castro, João Silva, João Lopes, Ma-

ria Falcão, Adelia Pereira, Isaura Ferreira, etc.).

1911 — *Auto das Tágides*. Lx.^a Alegoria commemorativa do 1.º anniversario da Republica Portueza. Lx.^a 17-1 pg.

1912 — *Da utilidade da tradição*. (Conf. pron. a 25 de Abril na Ac. das Sciencias de Lisboa. Coimbra 22-2 pg).

1913 — *A Herança*. Episodio dramatico em verso. Lx.^a 40 pg. (Foi rep. a 1.ª vez no Theatro Nacional Alm. Garrett a 3 de Abril de 1913). *A Poesia pastoril na antiguidade*. Conferencia seguida de dois Idilios de Theocrito. (No Th. Nacional a 4 de Maio de 1913). Lx.^a 8-63-1 pg.

1915 — *Um tio de Affonso de Albuquerque*. (Sep. do Boletim da 2.ª classe da Ac. Sc Lx.^a, vol. IX). Lx.^a 11-1 pg.; *Cartas de Affonso de Albuquerque*. (Prefacio do tomo V). Lx.^a; *Tradição Maritima de Portugal*. Lx.^a 22-2 pg. Conferencia a bordo do *Adamastor* 5-11-905.

1916 — *Saudade*. Lx.^a 43-3 pg. (Rep. no Th. da Republica, festa de Ed. Brazão. em 4-5-1916); *Sobre Affonso de Albuquerque*. Discurso na Sessão solemne da Ac. Sc. de Lx.^a 4.º Centenario do nasc. de Aff. de Albuquerque Lx.^a; *Conferencia no saraau promovido pela Soc. da Cruz Branca de Coimbra*

1917 — *Aspectos morais da guerra europea*. (Conferencia na Acad. de Est. Livres a 13 de Maio. Lx.^a (Ha uma ed. braz. do Rio Grande com introd. de A. Duprat 8-26 pg. e uma trad. ingeiza, *Moral aspects of the European War*. London 1917 26 pg).

1919 — *Subsidios para a biographia da Infanta Santa Joana*. Lx.^a 14-2 pg. (Sep. do Boletim de 2.^a classe da Ac. Sc. Lx.^a vol. XI).

1921 — *A inspiração de Fernão de Magalhães*. Coimbra 20 pg (Alocução na Sala dos Capelos da U. de Coimbra a 27 de Abril de 1921. Sep. do Instituto).

1922 — *Epopéias de hoje*. Alocução na Ac. Sc. de Lx.^a Lx.^a 11-1 pg. (Na sessão em que foram recebidos Gago Coutinho e Sacadura Cabral); *Alma que volta*. E' o n.^o 1 da collecção *Leituras de hoje*. Novela. 47-1 pg. (Foi incluída no vol. *Santos de casa*); *Notas sobre alguns engenheiros das Praças de Africa*. (Para servir de addit.^o ao Dicc. historico e documental dos architectos... de Sousa Viterbo). Lx.^a 14-1 pg.

1923 — *Trocas de Portugal descobridor*. Lx.^a 29-1 pg.; *Julio Dantas, esboço de perfil litterario*. Lx.^a ret-11-5 pg.

1924 — *O crime de Arronches*. Lx.^a. Peça em 4 actos. 148 pg. Rep. no Th. Nacional em 19 de Abril de 1924. Interpretaram Ribeiro Lopes, Rafael Marques, Calazans, Luiz Pinto, Maria Pia, Ester Leão, Palmira Torres, etc.; *Vasco da Gama*. Pub. official da Commissão do Centenario Vasco da Gama. Lx.^a. Ret. V. Gama 15-1 pg. Publ. destinada a ser distribuída por todas as Leg. e Consul. de Portugal e traduzida nas linguas dos paizes onde estejam instalados, devendo solicitar-se e sua divulgação nesses paizes. Nota da propria edição.

1925 — *Vasco da Gama na Historia Universal*. (Discurso na Soc. de Geog. de Lx.^a em 25 do 1 de 925, 29-3 pg.

s/ *data* — *De Ceuta ao Cabo da Boa Esperança*. (Da coll. Livros do Povo); *Portugal contra a Allemãha*. Lx.^a; *Scenas de Vida heroica*, collecção começada a publicar em 1919 de que estão publicados os volumes: *Saque Português*. Contos d'outros tempos. Lx.^a 2-222-2 pg. Tem 3.^a ed.; *Gente Namorada*. Lx.^a (1921) 246-2 pg. Tem 3.^a ed. (1923) 246 pg.; *Lanças n'Africa*. Lx.^a 251-5; pg. Tem 2.^a ed.; *Capa e Espada*. Lx.^a 231-5 pg. Tem 2.^a ed.; *Fumos da India*. 224-4 pg. Tem 2.^a ed.; *Santos de Casa*. Lx.^a 215-5 pg. (1923); *Almas penadas*. Lx.^a 225-3 pg. Tem 2.^a ed.; *Arqueiros e Cavaleiros*. Lx.^a 4-204-4 pg.



É esta a moeda... (a proposito do Affonso d'Albuquerque por Alfredo Candido).

AS MELHORES
PAGINAS DE

HENRIQUE L. DE MENDONÇA

Joguete régio



H. L. de Mendonça. Caricatura de Jorge Barradas

Meio oculta por uma cortina de damasco que lhe enrubescia o vulto, espreitava-o da janela fronteira a rainha católica, dando ao mesmo tempo ouvidos aos comentarios satiricos de D. Garcia Carvajal, pequeno e adoidado fidalgo que, em

Peças representadas que nunca foram impressas

A Estatua, drama em 5 actos em verso, rep. no th. D. Maria II. Para este drama fez o escultor Leandro Braga uma estatua em pasta que depois foi exposta no palacio do Marquez da Foz; *Batalha eleitoral*, comedia em 1 acto, rep. no th. do Gynnasio; *Joanna*, drama em 4 actos rep. no th. do Principe Real; *As Côres da Bandeira* a proposito patriotico rep. em 1891 no theatro da Rua dos Condes e que terminava pela *Portuguesa* composta n'esse anno pelo auctor com musica de A. Keil e que é hoje o hymno official da nação. *O Alfenim* rep. em 9 de Janeiro de 1902 no theatro do Principe Real; *O Tição Negro*, farça lirica sobre motivos de Gil Vicente para que o maestro Augusto Machado escreveu a musica. Rep. nos theatros Avenida (18 de Janeiro de 1902) e D. Amelia. (A Serenata do 1.^o acto foi publicada no vol. 2.^o da 1.^a serie, pg. 222 a 224, de *Os Serões*); *O espadachim do Outeiro*, op. mus. do mesmo maestro, rep. no th. da Trindade em 1909.

companhia do manco D. Pedro de Ayala, regressava de uma inútil embaixada a Portugal.

— Senhora — chasqueava D. Garcia, estourando os olhos vagos — esse fidalgo não passa de um novilho esperto numa arribana de bois de lavoura. Metei-o em manada de bichos generosos, e ninguém dará pela sua bravura.

D. Isabel sorriu. Bem percebeu ela que o castelhano se vingava do epigrama de D. João II a respeito da sua missão gorada: que, em vista da qualidade dos emissários, a embaixada de Castela não tinha pés nem cabeça.

Mas, ao ver o garbo aristocrático de D. João de Sousa, uma ideia extravagante ocorreu á real imaginativa.

— Vou pôr á prova o seu ânimo disse Sua Alteza, acenando para dois pagens que se apumavam á porta da câmara. — Roncas de chamorro! proseguiu D. Garcia. — O vzeirão que aturde em Portugal sóa como esganiçado tiple áquem do Guadiana.

Entretanto, D. Isabel dava baixinho ordens aos dois pagens, que as recebiam com vislumbres de juvenil malícia no respeitoso aspecto.

Ambos desceram á praça. O primeiro contornou-lhe o ângulo e sumiu-se sob a ogiva do arco del Arrabal. O segundo atravessou-a longitudinalmente, em direitura do palanque fronteiro. Abrindo uma porta da trincheira, subiu os degraus alcatifados á mourisca, e aproximou-se de D. João de Sousa.

— Senhor — disse êle desbarretando-se — manda Sua Alteza a Rainha que, sem delonga, vades falar-lhe.

O almotacel-mor despediu-se das damas, com uma cerimonia vénia, e voltou-se para o pagem.

Collaborou com D. João da Camara e Gervasio Lobato n'uma farça, que se representou no th. da Rua dos Condes, *Zé Palonso*, em cujo desempenho tomou parte a notavel cantora *Theodorini* e depois a prima dona *Tetrazzini* e em *O Burro em Pancas* com Ed. Schwalbach, Moura Cabral, Jayme Batalha Reis e Fernando Caldeira que se rep. em 1892 no th. Avenida. Collaborou tambem na revista magica *A Aranha* que subiu á scena no Th. D. Amelia, em 16 de Agosto de 1903.

Traduziu — *Sganarello (Le Cocu imaginaire)* comédia em 1 acto de Moliere. Lx.^a, 1887. (Foi representada mais tarde em D. Maria com o titulo *Dôr de cotovello*, fazendo Ferreira da Silva, o papel de protagonista); *Aventuras do Dr. Pickcoick*, romance de Ch. Dickens, ed. do jornal *A Tarde*; *A Ilha de Helice* de Julio Verne. 2 vols. *A cidade dos biliões e Disturbios na Pacifico*. Lx.^a, 1898; *Memorias de um policia amador* — *A aliança do casamento* por A. Conan Doyle. Lx.^a, 1907; *Os naufragos de Jonathan*. Lx.^a, 1911 — 2 vols. 227-227 pgs. de Julio Verne; *Parece Mal*, adaptação do livro inglês *Do'nt*, edição da casa Bertrand.

— Qual o caminho mais curto? ... perguntou.

— Por aqui, senhor.

Seguiu-o pela escada e entrou na praça, com a mesma andadura compassada e grave. Quando, já a meio do circo, saudava o duque do Infantado, que no palanque á sua direita inclinava o busto cortado pela faixa carmesim e ouro da Banda de Castela, ouviu do lado oposto um alarido espantoso seguido de um urro formidavel.

Voltou-se. O redondel esvasiara-se por encanto. E sôbre o português se despenhava, cachaço curvo, olhos em sangue, armação em riste, um soberbo cornúpeto, boquialvo e lombínegro, maciço ariete com ligeireza de um dardo.

Um clamor, feito de mil gritos, reboou pela praça.

O fidalgo, ágil como um campino, furtou o corpo ao posante embaite da féra, cujo bafo lhe acalentou de relance o rosto. Depois estacou a dois passos, e, serenamente, emquanto o touro chegava ao termo da trajectória e se detinha junto da trincheira, escarvando a terra, despiu o capuz de escarlata, arrancou da bainha a lâmina coruscante, abaixou a cabeça sorridente para a soberana debruçada sôbre colgaduras de tela de oiro, e de espada em punho, capuz ao ombro, aguardou.

Um silencio desabou, pesado e enorme.

O touro, com um mugido, volveu para a trincheira a robusta garupa, apumou a cabeça arrogante, assestou sôbre o inimigo a olhada minaz. Depois, recuou um pouco, tendeu os jarretes elásticos, roçagou pelo saibro as ventas bufantes, e, numa arrancada impetuosa, voou para a mancha purpúrea, que realçava na erecta figura humana.

Prefaciou: *Nada* de Julio Dantas; *Versos* de Maria Candida Parreira. Lx.^a, 1909-146-1 pg.; *Folhas ao vento*, versos de D. Maria do Carmo Peixoto, Lx.^a, 1926; *Memórias de Eduardo Brasão*, escritas por seu filho — Lx.^a, 1925; *Os Portugueses no Mar*, por Quirino da Fonseca, Lx.^a, 1926.

Dirigiú — a revista litteraria *Serões* (2.^a serie); o jornal de creanças *O Gafanhoto*; o *Diario Popular* em 1911; etc.

Trabalhos que a sua obra motivou: — *O Duque de Vizella*. Peça em verso tragico-burlesco, em 3 actos e 5 quadros. Parodia ao *Duque de Vizeu*, de H. L. de Mendonça por F. Jacobetty. (Foi representada no Theatro Chalet da Rua dos Condes, no verão, de 1886). Lx.^a, 1886 — ret-88 pg.

Iconografia — Retrato, oleo, por Columbano, exposto no Gremio Artistico em 1897; caricaturas de Rafael Bordallo Pinheiro, Celso Hermimio, Jorge Colaço e Alfredo Candido. O pintor Antonio Ramalho, expôs em 1901 na S. N. Bellas Artes um desenho representando o *Actor Ferreira da Silva* na sua peça *Salto Mortal*.

Num ápice de tempo, viu-se a nuvem escarlate ondular nos ares, pousar nas hastes tremendas, recair em pregas em cima do focinho espumante. O animal deteve-se na carreira, a poucos passos do homem, forcejando por se desenhencilhar do tapadouro que o cegava. E D. João de Sousa, sempre serêno, aproximou-se. Lampejou ao sol um corisco rápido, e a lâmina argêntea embebeu-se de flanco na cachaceira cerdosa. Com um mugido de agonia, o colosso negro baqueou por terra.

Reboaram aclamações frenéticas, esvoaçaram charpas de sêda e arrendados sudeiros, coalharam de improviso o terreiro barretes de veludo, carapuças de grã, doirados abanicos. Os madeiramentos tremeram com as estridências metálicas das trombetas, com os ronquidos e sibilos das charamelas e sacabuxas, com o rufo troante dos tambores. E do meio das colgaduras blasonadas, a rainha católica, tendo a seu lado o régio espôso de Aragão, córada de entusiasmo a fronte páli-da, agitava o braço revestido de brocado auriluzente.

Mas o embaixador português, impassível, limpava ao pêlo do touro exânime a espada gotejante, embainhava-a, despendurava das hastes o capuz, e, sobraçando-o negligentemente, avançava para o local do seu destino, desdenhoso do incidente que o demorara.

Apenas teve um relance de olhos inquietos para um ponto do anfiteatro. E sob uma fronte encanecida e nobre, percebeu o gesto paternal de Rui de Sousa.

Subiu a escada do paço, respondendo com um leve encolher de ombros aos delirantes aplausos que o acolhiam na passagem. Penetrou na luxuosa câmara para onde a soberana o havia aprazado. Encaminhou-se para ela, dobrou o joelho, levou aos lábios a dextra refulgente de sortelhas e disse plácidamente:

— Eis-me, senhora. Que ordena Vossa Alteza de mim?

Então a rainha de Castela, que aprestara a cilada, começou a encarecer com ardentes felicitações a façanha do embaixador. Cheio de imponente gravidade, a secundava o rei de Aragão. A turba altaneira que rodeava a sala, grandes de Espanha em cuja cabeça topetavam plumas, cortesãos constelados de jóias, donas raiadas de sartais de pérolas e cintos de diamantes, aprovavam com gestos discretos. Só a um canto D. Garcia de Carvajal dardejava um olhar de esquelha, despeitoso e sarcástico, sobre o triunfador adventício.

Porém, D. João de Sousa atalhou o verbo encomiástico da rainha, e redarguiu, abrindo um sorriso indiferente na espessura da barba negra:

— Não mereço emoras, senhora. Qualquer português faria outro tanto.

(Do *Capa e espada*)

A sobrinha de Inês de Castro

IV

UMA cidade de madeira e pano se erguia áquele tempo ás abas de Lisboa, desde as alturas de Campolide até á beira do Tejo. Mas nem pela pobreza dos materiais ela se antolhava menos opulenta e garrida.

O capitólio dessa improvisada *urbs* campeava junto do mosteiro de Santos, das donas de Sant'Iago. Era uma alta casa sobradada, construída sobre quadro vigas grossas, com paredes de pedra sêca. E o balsão verde, onde um falcão argênteo segurava o mote *En bon point*, flutuando acima do telhado mourisco, indicava-a como honrosa guarida de el-rei D. João I de Leão e Castela, que também se alcunhava rei de Portugal.

Trepavam pela encosta ao norte, alastravam por oeste até á ribeira de Alcântara, um sem numero de tendas, geomêtricamente alinhadas, muitas delas empavezadas de bandeiras e flâmulas multicores, que agitavam ao vento as signas heráldicas da mais alta nobreza das Espanhas. E quando acaso se arregaçava um dos fraldões, a turba circulante de homens de armas, revestidos de ferro, de populares, de maltrapilhos, de mendigos, de rameiras, tinha um relance de vistosas colgaduras de Flandres, de lambéis entredourados, de baixelas de prata e ouro, de opulências que a estarreciam.

Não podiam ver de longe essas pompas os lisboetas, que se debruçavam acaso nas muralhas da cidade sitiada. Mas sabiam-nas e avultavam-nas ainda na imaginação, com a amargura da propria indigência. Sabiam que extensos arruamentos do arraial castelhano regorgitavam do necessario á vida, e também do supérfluo, caro aos viçosos. Seus olhos famintos acendiam-se á idea das pingues carnes sangrentas, enganchadas á porta dos açougues; das rimas de pão louro alteando em muro os balcões ensombrados; das sacas de cereais ribatejanos, de legumes de Sevilha, de açucares do Levante, mercadoria rara tomada a duas carracas arribadas ao pôrto; das pilhas de sardinha e de outros pescados de salmoura, como prata fôsca luzindo entre amarelentos renques de peixe fumado. E as narinas, onde se eternizava o nauseabundo fartum da miséria e da morte, abriam-se para aspirar, através dos palancos que pelo vale de S. Bento defendiam o arraial, a ilusão de uns olores longíquos, em que as especiarias e as drogas do Oriente se casavam com a agua rosada de Alexandria, as pastilhas de Smirna, os polvilhos da Itália.

Sim! Tôdas essas imaginações dos desventurados correspondiam á realidade. Havia porém uma sombra terrível no

quadro, que só ás testemunhas de vista se deixava entrever. Pois que por entre os panos flutuantes de sirgo e as pesadas rumas de lãs variegadas, os troféus brunidos dos alfagemes, os montões de desvairados moedas dos cambadores, cujo estendal flanqueava os nobres arruamentos, agitavam-se num açoitamento alvoroçado as lôbas negras dos solorgiões e dos físicos; e gentes fervilhantes, anciosas, angustiadas, formigavam ás portas dos boticários, tressuando sob a calma estival. E que a pestenença fizera a sua entrada lúgubre no soberbo arraial castelhano, acaso de envolta com as ricas mercadorias levantinas. E o seu verde espectro sorria de longe para a negra irmã, a Fome, que na fronteira Lisboa consumava a ceifa implacável.

(Do *Caça e Espada*)

Affonso de Albuquerque

SCENA X

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Renego da vida

Em que vivo!

Senta-se, encostando-se á mesa, a reflectir

FR. DOMINGOS, *baixo, a Mestre Affonso*

Olhae quanta energia perdida!
Em maninhos se exgotta a fecundante sanha,
O leão barafusta entre teias de aranha.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *erguendo a cabeça*

Fr. Domingos mercês! Bem ouvi: mas por certo
Da teia que me envolve a aranha não está perto.

Vai baixando a voz gradualmente até falar quasi em segredo.

Os tentaculos sinto aqui, mas em Lisboa —
Ah! silencio! — a cabeça ergue a régia corôa!
E eu podia talvez, sem tremendos obstaculos,
Esvair-lhe a cabeça e cortar-lhe os tentaculos!

Ergue de novo a voz

Que de mim provém toda a luz que o illumina!
Do fundo do Mar Rôxo aos extremos da China,

Um só nome enche a terra, um só nome enche o mar:
Albuquerque! Dizei se os echos do palmar
Ou as vozes do Oceano amortecem a fome
No nome de Manuel, triste, apagado nome!
Persas, chinas, hindus, mouros, rumes... eu sci!
Só através do meu conhecem o do rei!
Quando eu queira adensar minha alma transparente
E ser, como Alexandre, o imperador do Oriente,
Esse pobre phantasma, o rei de Portugal,
Dissipa-se ao meu sol, como sombra casual!

FR. DOMINGOS, *olhando para o fundo*

Cautela!

MESTRE AFFONSO

E' já sabido: esta noite arde em febre,
E eu em raiva.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Mas não! nada ha que enfim me quebre.
A lealdade innata Embora me persiga,
Nas fracas mãos vibrando o látigo da intriga,
El-Rei de Portugal é meu rei, meu senhor,
E á minha terra voto o mais profundo amor!
Na régia lettra, julgo, enternecido velho,
Beijar o solo patrio!

Duque de Vizeu

ACTO I, SCENA III

EL-REI, *erguendo-se impetuosamente, com voz possante*

Não foge á morte o duque de Bragança!
Ah! julgaveis talvez, rebeldes imbecis,
Prender a regia fronte em laços infantis!
Pensastes que, cansada, exhausta d'embarços,
A justiça real emfim cruzasse os braços!
Ficasse embora impune a torpe rebeldia,
Carcomendo na sombra a velha monarchia,
Corrompendo o paiz com seus turvos anhelitos,
Buscando no estrangeiro, infamia! os seus proselytos,
Erguendo as ambições até ao throno egrégio,
E fazendo passar sobre um cadaver régio
O carro triumphal! Nescios! O Capitólio
Tinha os gansos leacs... Tem-nos tambem o solio!

Que trema em vossas mãos a traiçoeira adaga,
Porque o sceptro real, n'um só revez, esmaga
As revoltas do crime, as fallazes promessas
Da perfida ambição, as honras e as cabeças!
Pensaes que vos defende a escuridão da noite...
Sabei! Nunca a traição terá onde se acoite
Durante o meu reinado. Algar de villanagem
Ou feudo senhoril, solar ou tavolagem,
Em toda a parte haveis de achar meu forte braço,
Haveis de encontrar sempre ou cutello ou barão
Que extinga em vossa gorja a voz da sedição!
Não vos fieis da treva! Ah! se o real falcão
Paira junto do ceu, fitando o olhar profundo,
Sobranceiro á montanha, ao mar, á selva, ao mundo,
Traidores! não julgueis que o seu poder lhe fuja
Em plena escuridão! Como a sinistra c'ruja,
Ergue o nocturno veu; das sombras do olivedo
Sabe arrancar á treva o seu fatal segredo!

Em tom de voz sardonica

Desapparece o algoz! Por Deus! isso que importa?
Que o vibrem quaesquer mãos, o ferro sempre corta
O collo de um traidor! Ninguem á morte o rouba!
Hei de encontrar por certo a quem vestir a loba
Do carrasco fatal, embora o golpe seja
Hesitante e feroz, embora, embora veja,
Livida, ensanguentada, a cabeça perjura,
Fitar-me em contorsões medonhas de tortura!

A Antão de Faria

Vamos, Antão! dizei... mandae que na prisão
Se erga sem mais demora este real pregão:
«El-rei perdôa a morte áquelle que a seu mando
«Quizer dar justa morte ao duque D. Fernando».

*Antão vae cumprir a ordem, transmittindo-a ao mensageiro,
que sae.*

Veremos, desleaes! se para algum de vós
A' justiça impotente ha de negar-se algoz!
E se ao throno real, reptis! haveis de vel-o
Tremar e baquear á mingua de um cutello!

.....

Henrique Lopes de Mendonça